

O discurso contemporâneo de negação da ciência sob a ótica da Linguística Aplicada em periódicos científicos brasileiros

The contemporary discourse of science denial from the perspective of Linguistics Applied in brazilian scientific journals

Emerson Tadeu Cotrim Assunção ¹
Urbano Cavalcante Filho ²

RESUMO

A Linguística Aplicada (LA) se aproxima dos seus 80 anos. Na sua vida adulta, trouxe para o centro as questões que os estudos tradicionais da linguagem sempre colocaram para os cantos. Na pandemia provocada pelo novo *Coronavírus* (2020-2022), não foi diferente: pautou em seus periódicos provocações sobre questões emergenciais de gerenciamento da crise sanitária e de seus desdobramentos na vida do cidadão, a exemplo do enfrentamento aos discursos de negação da ciência. É sobre isso que tratamos aqui neste artigo. O objetivo geral da pesquisa é mapear, categorizar e discutir em 3 periódicos brasileiros (*Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, *Trabalhos de Linguística Aplicada* e *Calidoscópico*) as posições discursivas adotadas nos artigos científicos sobre o negacionismo científico no período da pandemia. Seguindo um desenho metodológico da pesquisa qualitativa, adotamos o formato de nuvem de palavras para evidenciar as palavras-chave mais citadas nos artigos publicados nos respectivos periódicos e, em seguida, fazemos um cotejamento dialógico-discursivo com pressupostos da LA. As análises mostram que o negacionismo esteve na pauta de discussões dos periódicos nos 3 anos, com mais ênfase nos anos de 2020 e 2021 e aliam os discursos negacionistas no período com as posições dos discursos de autoridade (Bakhtin, 2015) do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Palavras-chave: Linguística Aplicada. Negacionismo científico na pandemia. Periódicos.

ABSTRACT

Applied Linguistics (AL) is approaching its 80th anniversary. During adult life, it brought attention to questions that traditional language studies had always left aside. Throughout the pandemic caused by the new *Coronavirus* (2020-2022), it was no different: its journals included provocations about emergency issues of managing the health crisis and its consequences in citizens' lives, such as confronting science denial speeches. That's what we're discussing here in this article. The main goal of the research is to map, categorize and discuss in 3 journals (*Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, *Trabalhos de Linguística Aplicada* and *Calidoscópico*) the discursive positions adopted in scientific articles about scientific denialism during the pandemic period. Following a methodological design of qualitative research, we adopted the "word cloud" format to highlight the most cited keywords in articles published in the respective journals and, then, we carried out a dialogical-discursive comparison with AL assumptions. The analyzes show that denialism was on the agenda of the journals during those 3 years, with more emphasis in the years of 2020 and 2021; the articles conjugate the denialist speeches in the period with the positions of the authority speeches (Bakhtin, 2015) of the former president Jair Bolsonaro.

Keywords: Applied Linguistics. Scientific denialism during pandemic. Journals.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Ilhéus/BA, Brasil. Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Brumado/BA, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0739-7026>. E-mail: emersonbrumado@hotmail.com.

² Professor Titular do Instituto Federal da Bahia (IFBA). Ilhéus/BA, Brasil. Doutor e pós-doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). São Paulo/SP, Brasil. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL) e do Profletras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Ilhéus/BA, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1429-5300>. E-mail: urbano@ifba.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

O discurso de negação da ciência é objeto de investigação de diferentes ramos de estudos da linguagem, dentre eles, a Linguística Aplicada (doravante LA). Esse ramo de estudos se configura como ciência da linguagem interessada por problemas reais de usos da língua em contextos sociais diversos. Embora ainda permaneçam equívocos sobre a área, tais como aplicação de linguística em contextos educacionais ou ramo da linguística interessada em didatização de conteúdos linguísticos, a LA se posiciona como área autônoma de pesquisa e com um leque de possibilidades investigativas e de abrangência, sempre em um processo de intersecção com as demais áreas do conhecimento (Assunção; Santos, 2021). De igual modo, está interessada na estreita relação estabelecida entre sujeitos, usos e (re)ações mediadas pelo uso da língua nas mais variadas situações sociodiscursivas, quer seja como fator identitário, quer seja como *locus* de resistência e mesmo como espaço de lutas e de poder.

A LA nunca se posicionou contra a linguística tradicional, muito menos colocou a língua como objeto de disputa com os estudos já consolidados pós-estruturalismo. Entretanto, é no agora, na emergência do enunciado concreto como materialidade irrepitível (Volóchinov, 2018), no cotidiano marcado pela língua como ação e reação estabelecida entre sujeito-uso que a LA mostra a sua verdadeira vocação epistêmica. Por esse motivo, fazer pesquisa nessa área e nos assumirmos como linguistas aplicados nos coloca de frente com a língua em sua essência: a-inter-trans-pluri-multi-disciplinaridade, já que o objeto língua está emaranhado com as demais ciências, por isso a compreensão da língua como um calidoscópio (Assunção; Santos, 2021).

Feito esse preâmbulo, intentamos com este artigo mapear, categorizar e discutir como a LA, por meio de seus principais periódicos científicos brasileiros (Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Trabalhos de Linguística Aplicada e Calidoscópio), se posicionou sobre o discurso em torno do negacionismo científico no período de surgimento, agravamento e “novo normal” provocado pela pandemia no Brasil. Sabendo que a LA é uma disciplina de posicionamento em face de sua cronotopia e que o negacionismo³ está no novelo discursivo que nos rodeia em todas as nossas rotinas, apresentamos, com esse documento, um panorama das pesquisas publicadas em 3 principais revistas científicas (A1, conforme avaliação Qualis-Capes 2017-2020)⁴ da área de LA no Brasil entre os anos de 2020 a 2022.

Para a delimitação do *corpus* de investigação, buscamos no *site* da ALAB⁵ (Associação de Linguística Aplicada do Brasil) as revistas apresentadas pela associação como espaço de divulgação científica da área. Muito embora haja um número considerável de indicações no *site*, as revistas que assumidamente delimitam em seu foco/escopo apenas a área da LA, se resumem em três, quais sejam: Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA - UFMG), Trabalhos em Linguística Aplicada (TLA - UNICAMP) e Calidoscópio (UNISINOS).

³ Baseamo-nos nas considerações do norte-americano Stanley Cohen (2001) para entender que o negacionismo, sob um ponto de vista mais literal, diz respeito a uma negação, àquilo que não ocorreu ou não existe. Nega-se, também, sobre algo ocorrido, com a finalidade de não se assumir as consequências de algo. Trata-se de um comportamento equivalente ao de uma “mentira intencional”, como argumenta o autor no seu livro *States of denial: knowing about atrocities and suffering* (Cohen, 2001).

⁴ Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

⁵ Disponível em: <https://alab.org.br/historia>. Acesso em: 10 fev. 2024.

Procuramos categorizar, nessas 3 revistas, entre os anos de 2020 e 2022, os objetos de investigação registrados nos gêneros acadêmicos artigos científicos publicados para, em seguida, mapear nessas temáticas quais abordam o negacionismo científico e, por fim, analisar como as pesquisas se posicionaram nesse marco temporal.

Metodologicamente, a pesquisa se enquadra na abordagem qualitativa (Flick, 2009; Minayo, 2012) e se utiliza de ponderações da LA para justificar nossas posições analíticas.

Esse artigo está dividido em 3 seções, a saber: na primeira, abordamos aspectos constitutivos da pesquisa em tela, evidenciando nossas escolhas metodológicas de seleção, agrupamento e exibição dos dados; em seguida, discutimos os fundamentos da Linguística Aplicada no Brasil, fazendo uso dos dados para apoiar as nossas apostas teóricas e, por fim, na terceira seção, apresentamos as nossas considerações.

2 METODOLOGIA

Na mesma linha teórica fronteira que a LA assume, seguimos os caminhos metodológicos que *suleiam* as buscas por compreensão dos objetos em pesquisa: são naturalmente fluidos, sem um determinante condicional e sem o fechamento hermético de teorias também herméticas das já consolidadas ciências tradicionais, mas sempre pautados pelo rigor metodológico.

Primeiramente, gostaríamos de registrar que essa é uma pesquisa qualitativa, conforme definem Flick (2009) e Minayo (2012), que segue princípios e procedimentos de coletas de dados dessa área, e que faz uma interface com fundamentos da constituição da LA como área teórico-metodológica que fundamenta as análises.

Flick (2009) afirma que a pesquisa qualitativa se abstém de conceitos bem definidos que possam ser testados e que os conceitos são desenvolvidos e refinados no processo da pesquisa, já que esse tipo de pesquisa não se finca na ideia estática de um laboratório em que todas as condicionantes estão ali determinadas. Para ele, é no processo de compreensão do objeto, ou seja, "no fazer", que a pesquisa ganha o *status* de pesquisa social que intenta entender o mundo e produzir conhecimento sobre ele. Minayo (2012), por sua vez, complementa que fazer ciência é trabalhar com teoria, método e técnicas que se condicionam mutuamente, mas que é importante também o olhar do investigador, sujeito afetado pelas suas próprias condições, que deposita no objeto o "tom e o tempero" e a sua identidade.

Por esse motivo, ao nos assumirmos como linguistas aplicados e seguindo traços da pesquisa qualitativa, muito de nós poderá ser lido nas incursões metodológicas que fazemos aqui. Isso se reveste de grande importância quando, nas análises, marcamos as nossas posições sobre o que demanda o objeto de estudo e mesmo sobre os riscos que corremos ao movimentar uma interpretação que trate de saberes presentes nos textos (artigos científicos), objetos de nossas análises.

A ALAB é uma entidade que congrega pesquisadores linguistas aplicados e uma referência para a LA no Brasil e no mundo. Em sua página virtual⁶, consta a informação que a associação foi fundada com o objetivo de (re)construir um lócus acadêmico-científico dinâmico, instigador de estudos e reflexões na área de LA e, também, que é

⁶ Disponível em: <https://alab.org.br/historia>. Acesso em: 10 fev. 2024.

afiliada permanente da AILA⁷ (*Association Internationale de Linguistique Appliquée* - em francês, língua oficial utilizada na nomenclatura, haja visto a associação ter sido fundada na França, em 1964), maior instância organizacional da Linguística Aplicada no mundo, sendo, portanto, uma instância de referência para pesquisadores e pesquisas nessa área no Brasil. Por esse motivo, utilizamos as indicações feitas pela ALAB sobre revistas científicas brasileiras no e para o tratamento de objetos de investigação dessa área.

Na aba "Publicações" do site da ALAB, encontramos 11 indicações de periódicos científicos⁴. Acessamos as páginas dos 11 periódicos para uma primeira análise, a fim de delimitar um corpus que trate, de fato, apenas de pesquisas em LA. Na aba "Política" dos periódicos, encontramos a seção foco/escopo, espaço destinado para evidenciar a que tipo de estudo o periódico se interessa. Embora nos 11 apareçam menções sobre LA, apenas em 3 acessamos a informação de que o periódico trata, apenas, de objetos de Linguística Aplicada. Nos 8 demais, há informações sobre tradução, linguística teórica, entre outros. Por esse motivo, analisamos apenas os 3 periódicos que são marcadamente em Linguística Aplicada (RBLA⁸, TLA⁹ e Calidoscópio¹⁰).

Após a escolha desses 3 periódicos, passamos para coleta e agrupamento das palavras-chave dos artigos publicados nos anos de 2020 (ano de início e do agravamento da pandemia), 2021 (ano de início da vacinação e de redução gradual do número de mortos) e 2022 (ano que registra a volta à normalidade das rotinas do brasileiro). Cada revista possui normas específicas para a quantidade de textos publicados e para a quantidade de palavras-chave de cada texto, mas todas as 3 trazem esse último expediente como obrigatório. Acessamos cada artigo e agrupamos as palavras de acordo com suas recorrências/repetições (utilizamos o recurso de sinonímia, já que aparecem termos grafados de maneiras diferentes, mas que possuem significados próximos. Exemplo: identidade docente e identidade do professor (RBLA, vol. 21, N.1), que tratamos apenas como identidade docente, com duas recorrências). Com base nesses dados, fizemos uma nuvem de palavras¹¹ para cada revista em cada ano, em que as maiores recorrências aparecem com mais ênfase na nuvem e as menores aparecem em fontes menores.

As análises do ano de 2020 foram feitas separadamente, pois os periódicos apresentaram poucas recorrências comuns de palavras/termos. Já as análises de 2021 e 2022 foram feitas juntas por ano, com cotejamento dos dados, já que houve uma proximidade entre as palavras-chave das 3 revistas e, por isso, com uma regularidade discursiva possível de comparação e assimilação.

Passemos, agora, para a discussão sobre a LA em paralelo com as análises dos dados.

⁷ Disponível em: <https://aila.info/about/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

⁸ Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/rbla>. Acesso em: 10 fev. 2024.

⁹ Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rla>. Acesso em: 10 fev. 2024

¹⁰ Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio>. Acesso em: 10 fev. 2024

¹¹ Uma nuvem de palavra é uma possibilidade prática de visualização de palavras mais recorrentes sobre um determinado assunto. Utilizamos o WordArt (<https://wordart.com>), que é uma ferramenta que permite a criação desse tipo "gráfico linguístico" a partir de dados fornecidos pelo usuário.

3 QUESTÕES TEÓRICO-ANALÍTICAS: A LA EM FACE DE PROBLEMAS REAIS DE USO DA LÍNGUA(GEM)

Fazer pesquisa em ciências linguísticas nos coloca de frente com problemas que subjazem à própria língua. Embora algumas abordagens linguísticas brasileiras tratem o contexto social como plano de fundo para o estudo da língua, a LA segue um caminho entre-fronteiras, em que língua e sociedade não se dissociam e formam um amálgama discursivo. Melhor dizendo, a LA segue um caminho sem fronteiras delimitadas, em que as áreas não possuem limites definidos, vez que a língua não se circunscreve nela própria. É isso, talvez, que faz da LA uma área mal compreendida por muitos e carregada de truísmos do tipo "uma área interessada em ensino/aplicação de língua" ou "uma área sem uma identidade bem definida". Sobre isso, já nos antecipamos aqui: a LA é uma área problematizadora, política, interessada por problemas reais de usos da língua, também voltada para questões de ensino e, sobretudo, sem uma identidade fincada nos moldes estruturalistas, fechados em si.

Algumas questões peremptórias precisam ser colocadas antes do início dessa análise, já que não se trata de uma avaliação dos periódicos, mas sim de uma visada sobre o que a área de LA tratou no período crítico da pandemia Sars-Cov-2 (o novo *Coronavírus*, como ficou mundialmente conhecido). A primeira, e talvez a mais importante, é o que afirmamos acima: não é uma avaliação, tampouco um juízo de valor sobre a LA e sobre os pesquisadores da área, muito menos sobre as revistas em si; é, apenas, um panorama do que foi publicado nesse período. A segunda, é que essa análise que aqui fornecemos se configura como um *microcosmos* para indiciar uma leitura maior do que foi publicado pela área, pois tratamos apenas de 3 periódicos, conforme desenhamos na seção anterior, muito embora existam muito mais revistas que tem a LA em seu foco e em seu escopo, mas, seguindo as configurações metodológicas propostas por nós, apenas os 3 se enquadram no desenho. Por fim, a terceira consideração é que essa análise se abre para um renque de outras considerações, haja visto o negacionismo científico se mostrar representado de diversas formas e jeitos, não apenas pelas modalizações discursivo-enunciativas como as que estamos acostumados a lidar em nossos cotidianos de linguistas aplicados, como as discursivizadas nos manuscritos que trazemos em destaque nessa análise.

3.1 2020: um ano de enfrentamentos discursivos

A primeira análise trata dos 3 periódicos e suas publicações feitas em 2020, ano que marca o início da pandemia no Brasil e no mundo. De antemão, é importante registrar que a periodicidade de publicação de números não é a mesma para todas as revistas e a composição dos dossiês (que podem ser temáticos e atemáticos) e dos números em cada edição não seguem uma ordem fixa. Cada questão dessa será trazida em separado na análise de cada nuvem de palavras abaixo.

A Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA) aportou em sua interface (vol. 20, números 1, 2, 3 e 4) 29 artigos científicos, com constituição de dossiês temáticos e atemáticos e sem um número igual de manuscrito em cada número. Trata-se de uma revista da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Publica 4 números anuais, constituindo um volume anual. As palavras-chaves mais recorrentes foram Ensino de língua(s) (15 menções), seguidas de Formação de professor (7 menções),

de Letramento, Tradução e Mídia/Digital (com 4 menções cada). Não aparecem palavras-chave que evocam termos como negacionismo, pandemia e ciência/científico.

Figura 01 – Nuvem de palavra 01 - RBLA 2020



Fonte: www.wordart.com

Entretanto, o número 02 nos apresenta um dossiê quem tem a pandemia como objeto de interesse e estudo. O editorial desse número é Formação de professores para o século XXI (e para um mundo pós-pandêmico) e os artigos seguem mais na linha da formação de professores e sobre o ensino de língua(s), mas não tratam da pandemia em si, tampouco do negacionismo científico como objeto de estudo e de discurso. Já o número 03 apresentou dois artigos que, de algum modo, colocaram em evidência interfaces do negacionismo, a saber: “#FraudenasUrnas: estratégias discursivas de desinformação no *Twitter* nas eleições de 2018”, de Raquel Recuero e “Performances de gênero e raça no ativismo digital de Geledés: interseccionalidade, posicionamentos interacionais e flexibilidade”, de Danillo da Conceição Pereira Silva.

O posicionamento de Recuero (2020, p. 385), muito embora não esteja grafado o termo “negacionismo” em si, diz que “quando um discurso falso se torna prevalente em uma determinada rede, ele tende a impor uma impressão de consenso (inexistente) para seus membros, que acreditam que a informação só pode ser verdadeira, uma vez que todos os demais a aceitam”. Especificamente, Recuero (2020) fala sobre notícias falsas no processo eleitoral de 2018, mas nos indicia para uma questão um tanto maior: os discursos que, manipulados, evidenciam uma formação de convicção que não se assemelha ao real. Ou seja, a desinformação como processo de alienação e ruptura da verdade, com vistas a uma cristalização de um discurso falso sobre um fato verdadeiro, que podemos assinalar como um discurso de negação de evidência científica.

Nessa mesma linha, trazendo à baila o texto de Silva (2020a, p. 436), que joga luz sobre, entre outras questões, a falaciosa ideia de igualdade racial no Brasil, tão em voga em discursos que negam o racismo em si, ele nos diz que esses discursos que mostram uma “suposta miscigenação pacífica, base do mito da democracia racial (Nascimento, 2016) e, ainda, do imaginário de um Brasil como país plural, aberto à diversidade, lugar de harmoniosa convivência entre as diferenças” é uma negação da realidade do negro no país. Isso se comprova, por exemplo, ao observarmos em discursos de autoridade, a exemplo de discursos do ex-Presidente Jair Bolsonaro, posições de negação do racismo, como quando questionou o direito às cotas raciais: “Sempre questioneei a questão de cotas. Acho que a cota eleva o homem pela cor da sua pele como subalterno ao outro

de cor de pele diferente. Somos iguais. O meu sogro é o Paulo Negão"¹². Ao dizer "somos iguais", Bolsonaro recupera a ideia de democracia racial e coloca em circulação um discurso que nega uma evidência fática: o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)¹³ evidencia que, enquanto pretos e pardos representam 56% da população brasileira, a proporção desse grupo entre todos os cidadãos do país abaixo da linha da pobreza é de 71%, entretanto, a fração de brancos é de 27%. Se observarmos os números da extrema pobreza, a discrepância é mais que o dobro: são 73% de negros e 25% de brancos.

A revista *Calidoscópio*, por sua vez, é uma publicação quadrimestral da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS) e possui chamadas com dossiês temáticos e aтемáticos. Em 2020, foram 2 números aтемáticos e 1 com chamada para o dossiê "Formação de professores/as: contextos, perspectivas e práticas em Linguística Aplicada". O vol. 18, números 01, 02 e 03, apresentou 28 artigos científicos, com ênfase em Formação docente (8 palavras-chave), Escrita e Letramento (com 6 palavras-chave cada) e Leitura (com 5 menções); as demais ficaram entre 2 e 4 recorrências. A nuvem abaixo traz em perspectiva essas menções, a saber:

Figura 02 – Nuvem de palavra 02 - Calidoscópio 2020



Fonte: www.wordart.com

Esse volume, conforme nossa análise, não textualizou palavras-chave que remetessem ao negacionismo científico, tampouco sobre a cronotopia Brasil 2020. Os manuscritos estavam mais voltados para outras questões e a pandemia aparece rarefeita em alguns textos, muito embora como plano de fundo para outras questões. O número 02 desse volume evocou a LA em uma de suas frentes: a formação de professores, muito embora o contexto global da época clamasse por um posicionamento crítico das ciências no e para o enfrentamento da pandemia e das questões languageiras que ocuparam as pautas de combate à pandemia, entre elas o negacionismo de evidências científicas sobre o vírus Sars-cov-2 e sobre formas de lidar com ele, esse volume caminhou por outras searas e a questão da emergência em saúde pública não ocupou espaços de destaque nos artigos publicados. Pensando na LA como área política e como (re)ação de usos da linguagem em contextos diversos, pensar a formação docente no contexto da pandemia parece-nos uma questão de extrema importância para a consolidação das pautas defendidas pela área.

¹² Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/05/4923113-bolsonaro-volta-a-negar-racismo-e-diz-sempre-questionei-a-questao-de-cotas.html>. Acesso em: 20 fev. 2024.

¹³ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29433-trabalho-renda-e-moradia-desigualdades-entre-brancos-e-pretos-ou-pardos-persistem-no-pais>. Acesso em: 20 fev. 2024.

Uma leitura possível sobre a exígua menção do contexto “glocal” (cf. Kumaravadivelu, 2006) nos manuscritos publicados pode ser: a) o número 01 do volume 18 aportou artigos recebidos ainda em 2019, portanto anterior à pandemia; b) ao direcionar o dossiê do número 02 para um tema específico, a revista não recebeu manuscritos que tratavam sobre a cronotopia local e c) o número 03 seguiu, talvez, uma regularidade da revista em si: textos que versem sobre uma faceta característica da LA: a língua como objeto de ensino. Entretanto, todos os artigos publicados nesse volume tratam a língua em uma perspectiva científica, crítica e, sobretudo, como objeto de luta e de poder, outra faceta importante da área de LA.

Passemos, agora, para a nuvem 03:

Figura 03 – Nuvem de palavra 03 – Trabalhos em Linguística aplicada (TLA) 2020



Fonte: www.wordart.com

Dentre as revistas citadas, a TLA foi a que mais teve pluralidade de palavras-chave em seu volume 59, ano 2020. Foram 4 números, com dossiês temáticos e livres e, também, com a linguística em perspectiva plural, uma vez que em suas seções há um renque de temas e abordagens de estudos da linguagem vinculados à LA. Além disso, há seção de entrevista e de resenhas, que, em vista do recorte metodológico, não selecionamos nesse corpus. A TLA é um periódico quadrimestral vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, do Instituto de Letras da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

O volume 59 consta de 3 números (1, 2 e 3) e apresenta 91 artigos científicos distribuídos em suas seções temática e livre. Populismo (12 menções), Resistência (10 menções) e Letramento (8 menções) foram as palavras-chave mais usadas no ano de 2020 nos corpos dos manuscritos publicados. Se voltarmos nossos olhares para o que tematizamos aqui neste texto, o negacionismo científico, percebemos que há um leque de interfaces entre os objetos de estudos publicados e a negação da ciência. Mapeamos 7 manuscritos com temática que evoca o negacionismo científico de forma mais ou menos explícita e também a política do ex-Presidente Jair Bolsonaro no tratamento de questões de ordem científica. Porém, trazemos aqui, para ilustrar, os títulos de 4 manuscritos publicados que, ao nosso ver, coloca o negacionismo científico em perspectiva com a LA (2 do número 01 e 2 do número 02) e, em linhas gerais, uma síntese de cada um, a saber:

1. “Como as mídias sociais proporcionam uma política populista: observações sobre liminaridade com base no caso brasileiro”, de autoria de Leticia Cesarino. Nesse texto, a autora nos informa que “[...]o populismo e as redes sociais têm sido questões

relevantes, tanto no meio acadêmico como na esfera pública" (Cesarino, 2020, p. 404). E que o artigo em questão evidencia um "caminho possível para dar sentido à forma como as dinâmicas das redes sociais e a mecânica da mobilização populista têm se coproduzido na última década" (Cesarino, 2020, p. 405). Mais precisamente, como grupos pró-Bolsonaro no *WhatsApp*, *Twitter* e *Facebook* influenciam os usuários do grupo a tomarem posições favoráveis ao ex-presidente, entre elas a negação de evidências científicas;

2. "*The Pragmatics of Chaos: Parsing Bolsonaro's Undemocratic Language*", de autoria de Daniel Nascimento. Esse texto, conforme o autor, "[...] analisa diferentes camadas da pragmática do caos de Jair Bolsonaro – o nome que dou ao método reflexivo, ordenado e laminado de produzir um sentimento permanente de agitação, névoa e mal-estar em audiências políticas enquanto uma agenda conservadora e de livre mercado é radicalizada no Brasil" (Silva, 2020, p. 507), evidenciando interfaces entre a política bolsonarista e a cronotopia brasileira de 2020;
3. "Embates semiótico-discursivos em redes digitais bolsonaristas: populismo, negacionismo e ditadura", de autoria de Danillo Conceição Pereira Silva. Dentre os textos selecionados, esse é, sem sombra de dúvidas, o que traz mais impacto sobre o "poder" do discurso de negação da ciência nas vivências do cidadão. O autor modaliza seu texto a fim de evidenciar os modos da "cooptação de significantes vazios próprios da racionalidade populista para a instauração de negacionismos históricos estratégicos[...]" (Silva, 2020b, p. 1171), entre eles, o negacionismo de evidências científicas que, por ser objeto de discurso do, então, presidente do Brasil, produz no seu interlocutor uma certa vontade de verdade e mesmo um discurso de autoridade (Bakhtin, 2015);¹⁴
4. "*Fake news, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter*", de autoria de Janaisa Martins Viscardi. Conforme a autora, o estudo das *fake news* merece grande atenção por parte da ciência, vez que uma notícia falsa, sendo veiculada por um sujeito que ocupa uma posição de poder, traz uma série de significados para os seus interlocutores, entre esses, o discurso de autoridade que produz verdade. Sobre isso, a autora nos lembra que "[...] as *fake news* surgiram como um tópico importante nas eleições e contribuíram significativamente para reforçar essa polarização" (Viscardi, 2020, p.1134) existente no Brasil no período de campanha e governo de Bolsonaro. Uma das bases do negacionismo científico é a notícia falsa. Não precisamos ir muito longe para ilustrar: uma rápida incursão pelos discursos de Jair Bolsonaro sobre a vacina contra a Covid-19 nos mostra como suas falas foram cruciais para que as pessoas deixassem de se vacinar por medo de um outro adoecimento, a exemplo de sua fala sobre a relação da vacina com a AIDS¹⁴.

Os volumes das 3 revistas publicados em 2020 mostraram a força da LA frente às demandas sociais de usos da linguagem. Os manuscritos formam uma miscelânea do que entendemos como foco e escopo da LA: uma linguística interessada em usos reais da língua em contextos diversos, com sujeitos diversos e em situações, também, diversas (Assunção; Santos, 2021). Não nos interessa a língua como objeto engessado, ou mesmo preso em uma "estrutura" de língua sobre fala ou de fala sobre escrita. É mais que isso: é uma ciência linguística que não se prende a truísmos e muito menos a moldes pré-estabelecidos de sufixos

¹⁴ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/bolsonaro-reproduziu-alegacoes-de-site-negacionista-ao-relacionar-aids-a-vacinas-da-covid-entenda/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

-disciplinares, tanto que podemos pensar a LA como uma a-trans-multi-inter-pluri-disciplina ou, de forma mais direta, como uma área sem fronteiras, com seu território de identidade multifacetado, como um caleidoscópio (César; Cavalcanti, 2007).

3.2 2021: o discurso da ciência e a reinvenção de outros negacionismos

O ano de 2021 ficará marcado na história como o ano em que a ciência foi celebrada com muita festa e, na mesma medida, atacada por líderes populistas que se sentiram ameaçados pelos cientistas (Assunção; Cavalcante Filho, 2024, *no prelo*). Celebramos a descoberta da vacina contra a Covid-19 e vimos, cotidianamente, o número de imunizados aumentar na mesma proporção em que o número de mortos em decorrência do *Coronavírus* diminuía. Como efeito, acompanhamos a luta da ciência não só contra o vírus, mas contra discursos de negação da ciência naquele momento em que a voz da ciência se consolidava como o discurso da verdade. Aqui no Brasil, passamos a conviver com os discursos negacionistas do ex-Presidente Bolsonaro sobre a pandemia, sobre as medidas sanitárias de prevenção da Covid-19 e sobre a vacinação. Tivemos, naquele momento, que lutar contra a patologia e contra a desinformação. Fomos chamados em nossas respectivas áreas de abrigo para nos posicionarmos sobre a defesa da ciência e como combatentes dos discursos de negação de evidências científicas.

Para a LA, entendemos que o negacionismo se constitui como uma (re)ação paralela a um discurso de verdade e sobre ele recai a função de desmobilizar agrupamentos sociais a fim de governar pelo caos, pelo medo, pela hegemonia do capital. Sua origem “reside em circuitos transnacionais que alimentam lideranças, grupos ou movimentos de extrema-direita ou abertamente fascistas[...]” (Machado Cavalcante, 2021, p. 4), a exemplo do *modus operandi* do governo Bolsonaro, de modo que podemos comprovar que foi por meio desse tipo de discurso negacionista que o governo se sustentou durante 4 anos, já que se utilizava do negacionismo como “um regime de verdade e de um tipo de vida que são declarados como mais autênticos” (Machado Cavalcante, 2021, p. 4) que o próprio discurso da ciência.

É sobre o enfrentamento e a defesa da ciência que as revistas RBLA, TLA e Calidoscópio pautaram parte de suas chamadas para publicação de artigos científicos. Apresentamos, abaixo, as 3 nuvens de palavras que agrupamos as palavras-chave. Escolhemos, aqui nesse movimento analítico do ano de 2021, fazer o cotejamento das 3 nuvens com a finalidade de evidenciar o fio condutor que entremeou os 3 periódicos. Vejamos:

Figura 04 – Nuvem de palavra 04 – RBLA – 2021



Fonte: www.wordart.com

Figura 05 – Nuvem de palavra 05 – Calidoscópio – 2021



Fonte: www.wordart.com

Figura 06 – Nuvem de palavra 06 – TLA – 2021



Fonte: www.wordart.com

Chama-nos a atenção o aparecimento da palavra-chave “*covid-19*” nas duas primeiras revistas, bem como o termo “*letramento*” ocupando destaque nos 3 periódicos. Podemos dizer que no ano de 2021 as revistas procuraram tematizar o ensino remoto, as perspectivas de estudos de letramentos e a Covid-19 como relações estabelecidas no entorno do ensino de línguas, especialmente naquele momento em que as atividades escolares migraram do presencial para o virtual. De fato, não estávamos preparados para mudar nossas rotinas para o modo *on-line*, tampouco escolas, professores e alunos estavam preparados para uma mudança tão brusca nesse novo modo de ensino.

Os números 2 e 4 do volume 21 da RBLA aportaram diversos textos que tratam sobre o momento pandêmico e como a pandemia alterou as vivências, quer sejam escolares ou não, dos cidadãos. Chama-nos a atenção, no número 02, a grande quantidade de menções ao termo “*letramento*” (e seus desdobramentos, como “*multi-letramento*”, “*letramento crítico*”, “*letramento escolar*”, entre outros) e as perspectivas adotadas pelos autores para evidenciar o letramento como uma perspectiva científica e crítica, se afastando da ideia de letramento como “*exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita*” (Soares, 2003, p. 92), que traduz um pensamento que exclui “*crianças pobres que não são alfabetizadas adequadamente, bem como de todos os analfabetos, [e] adquire aqui caráter científico, pois está subscrito por um nome considerado especialista na questão*” (Tfouni, Monte-Serrat, Bueno Martha, 2003, p. 27), pensamento que se coaduna com os pressupostos da LA (Assunção; Santos, 2021).

A compreensão de letramento presente nos manuscritos segue a linha de letramento como processo sócio-histórico, em que os sujeitos, independente do uso da escrita ou não, manifestam as suas posições por outras semioses. Essa é, sem dúvida, uma postura que se coaduna com o cenário real do Brasil: como nos informam Tfouni, Monte-Serrat e Bueno Martha (2003), a separação entre língua oral e escrita é um artifício usado pela escola, numa atitude grafocentrada. Esse gesto, ao colocar a escrita como superior às demais práticas languageiras, recai no abismo que docentes enfrentam em seus cotidianos escolares: crianças e adolescentes que não sabem ler e/ou escrever, mas que interagem por outras semioses, a exemplo de jogos virtuais pelo celular, mensagens de áudio em aplicativos como WhatsApp e mesmo o compartilhamento de memes e outros tecnodiscursos em redes sociais. Ao assumir essa perspectiva de letramento, os autores sinalizam para um (re)enquadramento científico no combate à anti-ciência.

Por sua vez, a revista Calidoscópico em seu volume 19, número 1, apresentou o dossiê sobre “*O papel da linguagem na reflexão sobre temas públicos em tempos de pandemia da Covid-19*”. Chama-nos a atenção 4 manuscritos que tratam diretamente da relação

pandemia, discursos de negação da ciência, gerência da crise sanitária o papel das *fake news* na cultura digital. Vejamos:

1. "A condução neofascista da pandemia de Covid-19 no Brasil: da purificação da vida à normalização da morte", de autoria de Sávio Machado Cavalcante, aborda a força dos discursos negacionistas de Jair Bolsonaro na condução da pandemia no Brasil e como esse regime de verdade presente no discurso presidencial se tornou a estratégia do "fazer viver e deixar morrer" (Machado Cavalcante, 2021, p. 4) apoiado por parte da sociedade brasileira;
2. "Expressões de violência verbal e reflexividade face ao modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de Covid-19", texto de Anna Christina Bentes e Edwiges Maria Morato, que nos apresenta uma análise de um conjunto de falas de Jair Bolsonaro, na condição de Presidente do Brasil, que refletem o uso reiterado da violência verbal no contexto da pandemia de Covid-19, bem como analisa "práticas linguísticas reflexivas e críticas de diversos agentes sociais em relação à categorização do uso de máscara de proteção facial como "coisa de viado" (Bentes; Morato, 2021, p.18);
3. "Fake news em tempos de pandemia: a urgência de novos multiletramentos na cultura digital", manuscrito publicado por Elaine Pereira Andreatta, que analisa *fake news* produzidas por meio de diversidade de transmídias no período da pandemia de Covid-19 no Brasil e como "as práticas de leitura precisam buscar a compreensão das multissemoses presentes nos textos em circulação, assim como compreender as relações estabelecidas nos meios de transmissão e produção de textos em contextos digitais" (Pereira Andreatta, 2021, p. 88) e, por fim,
4. "Onde está o vírus? Manipulação política da linguagem sobre o coronavírus", escrito por Heronides Moura que, de forma assertiva, evidencia que "alguns discursos políticos radicais, seja de direita ou de esquerda, manipulam a linguagem sobre o coronavírus, com o objetivo de justificar afirmações enviesadas e sem evidências sobre a pandemia da Covid-19" (Moura, 2021, p. 120), exemplificando a constituição de negacionismos frente a um fato científico, que recuperam um exemplo de "manipulação política da linguagem" (Moura, 2021, p.120).

Além desses 4, outros textos seguem nessa mesma frente de combate à desinformação e ao negacionismo científico alardeado pelo ex-Presidente Jair Bolsonaro no e para o gerenciamento da pandemia. Observando essa nuvem de palavras, podemos ver que há multidirecionamentos de palavras-chave, indicando uma abrangência significativa de tratamento de temas que são caros para a LA. Os demais números desse volume tratam de questões científicas de usos da linguagem, mas não adentram em questões do negacionismo científico no período pandêmico no Brasil. Outrossim, estão ainda na linha de combate à anti-ciência e às perspectivas a-históricas de discussões de temas que nos são caros enquanto linguistas aplicados agora e num passado recente, a exemplo dos célebres trabalhos de Cavalcanti (1986), de Celani (1992) e de Moita Lopes (2002), para ficarmos em apenas 3 exemplos.

A TLA, por sua vez, no volume 60, enfrentou o discurso de negação da ciência em outras áreas que não apenas na pandemia: Linguagem e raça, número 1; Linguagem no capitalismo recente: diversidade e mobilidades, número 2 e Letramentos literários na contemporaneidade: criticidade e subversão, número 3. Não há nenhuma palavra-chave nesse ano que trate de Covid-19 ou pandemia; as palavras mais citadas foram letramento (6 menções) e raça e mercantilização linguística (5 vezes cada). Isso pode ser explicado

pelos temas dos dossiês, que são temas fortes e com pautas de pesquisas já consolidadas, e pelos direcionamentos que já vislumbrávamos naquele momento: a ciência sobrepujando à desinformação no momento pandêmico no Brasil.

Entretanto, é importante registrar o impacto dos dois primeiros números (dossiês) do referido volume para a mitigação da anti-ciência em questões tão caras para a sociedade: a exemplo do racismo (volume 1) e da desigualdade social oriunda do capitalismo (volume 2).

3.3 2022, o “novo normal” e o negacionismo com outras roupagens: as *fake news* em tela

O ano de 2022 foi marcado pela retomada gradual da “normalidade” com que estávamos acostumados pré-pandemia: possibilitada pela vacinação em massa da população, o novo normal aboliu o uso das máscaras, permitiu a retomada das aulas presenciais em sua integralidade, autorizou a realização de festejos com grandes públicos e marcou um processo eleitoral conturbado para a presidência do Brasil. Sobre esse último, presenciamos o impacto das notícias falsas nas campanhas eleitorais e, na mesma medida, o seu combate por veículos de informação e pela Justiça Eleitoral brasileira. Como dissemos anteriormente, uma notícia falsa se firma como um tipo de negação de uma evidência factual e, por isso, negacionista. Não só isso, mas uma *fake news* se consolida como uma desestabilização discursiva que impacta as crenças na história, na ciência, no fato social. Por usar uma linguagem direta, um tom apelativo, um modo de construção discursiva simples e direto, a notícia falsa apresenta uma resposta rápida, razoável e de alto poder de convencimento (Pereira Andreato, 2021).

Frias Filho (2018) argumenta “que a novidade não está nas *fake news* em si, mas na aparição de um instrumento capaz de reproduzi-las e disseminá-las com amplitude e velocidade inauditas” (Frias Filho, 2018, p. 42): as redes sociais. Pensemos, por exemplo, como as redes sociais registraram as modalizações discursivas que terraplanistas fazem para afirmar que a terra não é redonda, ou mesmo os discursos de negação do racismo que coloca nas cotas raciais um pretense argumento de favorecimento de negros em detrimentos de brancos e, por isso, um racismo reverso. São discursos diretos, sem profundidade teórica, de rápida assimilação, fáceis de serem interpretadas e com alto poder de convencimento que pululam nos ambientes virtuais e que aparecem nas métricas de alcance de tópicos nas redes, a exemplo das menções no X (antigo *Twitter*) evidenciando posições de destaque nos tópicos mais comentados nessa rede.

Obviamente, Jair Bolsonaro foi quem mais se beneficiou do falseamento de notícias em seu governo (2019-2022) e em suas campanhas eleitorais majoritárias (2018 e 2022). Em artigo publicado por nós (Assunção; Cavalcante Filho, 2024), mostramos como, ainda na pandemia, o ex-Presidente usou o “gripezinha” para falsear a letalidade da Covid-19 e como os efeitos desse discurso autorizaram uma parcela da população a negligenciar os cuidados de combate ao *Coronavírus*. Já no período de campanha eleitoral, fomos atingidos por discursos do tipo “mamadeira de piroca”, “*kit gay*”, “doutrinação marxista nas escolas”, “invasão comunista”, “banheiro unissex”, entre outros. Sobre esse último, o ex-Presidente foi proibido pelo Tribunal Superior Eleitoral¹⁵ de fazer referência a esse termo, porque se comprovou uma notícia falsa.

¹⁵ Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/21/moraes-determina-excluso-de-fake-news-de-bolsonaro-sobre-banheiro-unissex-em-programa-de-lula.ghtml>. Acesso em: 3 mar.2024.

No rol de notícias falsas, muitas se comprovam como negacionismos científicos. Muito embora o termo negacionismo não apareça nas palavras-chave dos 3 periódicos em análise, há inúmeras incursões sobre esse tipo de modalização enunciativa que se apoia numa *fake news*. Abaixo, apresentamos as 3 nuvens de palavras e, em seguida, fazemos alguns apontamentos sobre a recorrência de algumas palavras-chave e sobre alguns manuscritos que nos chamaram a atenção.

Figura 07 – Nuvem de palavra 07 – RBLA - 2022



Fonte: www.wordart.com

Figura 08 – Nuvem de palavra 08 – Calidoscópio - 2022



Fonte: www.wordart.com

Há certa regularidade entre as palavras-chave nas duas revistas (RBLA e Calidoscópio): Formação docente e Ensino de língua(s) são duas recorrências que mostram o direcionamento do que foi publicado no ano de 2022. Não encontramos, além do editorial do número 3 do volume 20 da Calidoscópio, manuscritos que tratem do negacionismo científico como objeto de estudo. Isso não significa dizer que as revistas não estivessem preocupadas em, de algum modo, combater discursos de negação da ciência como estiveram nos anos 2020 e 2021, mas sinalizam para uma certa retomada da normalidade pós-pandemia, com pautas que já estão consolidadas em linhas de pesquisa e grupos de trabalho anteriores à Covid-19.

Figura 09 – Nuvem de palavra 09 – TLA – 2022



Fonte: www.wordart.com

Já na revista TLA, por conta dos dossiês específicos, há muita similaridade entre o número de citações de palavras-chave, o que se observa na falta de destaque de uma palavra sobre a outra como mostra a nuvem (figura 9). A regularidade das palavras-chave citadas nos indicia a leitura de que em 2022 a TLA manifesta um recorte do real, com velhos problemas que estão nas pautas de pesquisas de linguistas aplicados em suas linhas de orientações em programas de Pós-Graduação e de seus grupos de pesquisa. É, como evoca o título, “o novo normal” com seus velhos problemas.

Muito embora, como podemos ler em diversos artigos publicados nas 3 revistas entre 2020 e 2021, o governo de Bolsonaro tenha registrado a negação da ciência como lugar comum nas falas do ex-Presidente e estratégia de gerência da crise sanitária que enfrentamos com a pandemia, em 2022 o foco do negacionismo esteve mais voltado para as *fake news* de modo mais abrangente, adentrando questões outras como as que envolvem gênero, sexualidade, raça, processos migratórios, entre outras, aliadas às questões que giram em torno da língua como objeto de disputa e de sentidos.

Cumpra esclarecer, à guisa de conclusão, que a LA, por meio de seus pesquisadores que emprestaram saberes para a constituição de manuscritos publicados nesse período, não se furtou a trazer para à baila temas que tratam da língua e da linguagem em um cronotopo tão fatídico que tivemos que enfrentar durante a pandemia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consta na página oficial da ALAB a definição do que é a área de LA: “[...] um campo de investigação de usos situados da linguagem nas diversas esferas do meio social, e não como aplicação de teorias linguísticas[...]”¹⁶. Muito embora ainda pare no imaginário sociodiscursivo de linguistas mais tradicionais e ortodoxos a LA como área interessada em didatização de conteúdos linguísticos ou área metodológica de ensino de línguas, é importante reafirmar que a LA se caracteriza por fomentar pesquisas com foco nas relações entre linguagem e sociedade, possibilitando um olhar calidoscópico para um objeto multifacetado.

Certamente, cada artigo publicado nesses 3 periódicos segue, de algum modo, esses preceitos fundamentais do que entendemos com LA. Cada manuscrito recupera em algum grau a relação intrínseca entre língua e prática social no entorno dessa língua. Não tratam do contexto imediato como plano de fundo para o estudo de um objeto linguístico em si; pelo contrário, não faz outra coisa senão estabelecer intersecções entre a língua, a prática e o sujeito que a usa, sem, com isso, estabelecer maior ou menor grau de importância para o estudo.

Advogamos, com isso, que a LA é uma ciência linguística de combate e de confronto: ela chega onde outros estudos parecem silenciar, ela toca em questões que a linguística tradicional evita trazer para o embate e ela faz do objeto de estudo uma arena de conflito e, *pari passu*, um palco de acordo. Foi assim com os primórdios da LA e não seria diferente no momento mais difícil que enfrentamos como sociedade nos últimos tempos: a pandemia e seus desdobramentos na vida do brasileiro.

Na cronotopia recente, a LA se posicionou, politizou, tocou em feridas históricas, se abriu para o confronto teórico, teorizou sobre o novo e trouxe a gerência da crise provocada pela pandemia para um lugar de disputas de narrativas. Da mesma forma, tratou o ex-Presidente pelo seu nome e não pelo cargo que ocupava e, muito menos, se esquivou “fotografar” Jair Bolsonaro como o agente do caos. Essas conclusões recuperam cada batalha travada pelos pesquisadores de LA que emprestaram seus manuscritos para os 3 periódicos em análise e reverberam em cada leitor um olhar mais sensível para a língua(gem) e para os sujeitos que por meio dela agem e reagem.

¹⁶ Disponível em: <https://alab.org.br/historia>. Acesso em: 3 mar. 2024.

Por fim, é preciso registrar para nunca esquecer: foram 710.174¹⁷ brasileiros mortos em decorrência da Covid-19. Estima-se que, caso as orientações científicas tivessem sido seguidas como estratégia do governo de Jair Bolsonaro no enfrentamento da pandemia, cerca de 400 mil¹⁸ mortes poderiam ter sido evitadas. Infelizmente, para quase 50% dos mortos, o negacionismo científico venceu.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, E. T. C.; DA SILVA FILHO, U. C. Não é só uma gripezinha, Presidente! A responsividade enunciativa materializada em comentários e cartazes. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 17(1), n.1, p. 7161–7183, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.1-432>. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/4690>. Acesso em: 26 fev. 2024.

ASSUNÇÃO, E. T. C.; CAVALCANTE FILHO, U. Pesquisa em rede social sob a ótica do dialogismo e da responsividade a negação da ciência (entre)vista em comentários no *twitter*. **Revista de Estudos da Linguagem**. 2024 (no prelo).

ASSUNÇÃO, E. T. C.; SANTOS, J. A. **A Linguística Aplicada em tempos de barbárie**. Catu, Bahia: Bordô-Grená, 2021.

CAVALCANTI, M. C. A propósito da linguística aplicada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 23, n. 7, p. 5-12, 1986. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/tla.html>. Acesso em: 03 mar. 2024.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BENTES, A. C.; MORATO, E. M. Expressões de violência verbal e reflexividade face ao modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de Covid 19. **Calidoscópio**, v. 19, n.1, p.18–31, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.02>. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/22791>. Acesso em: 27 fev. 2024.

CELANI, M. A. A. (org.) **Linguística aplicada: da aplicação de linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992. p. 15-23.

CÉSAR, A. L.; CAVALCANTI, M. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In.: CAVALCANTI, M.; BORTONI-RICARDO, S. M. **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 23-44.

CESARINO, L. Como as mídias sociais proporcionam uma política populista: observações sobre liminaridade com base no caso brasileiro. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 59, n. 1, p. 404–427, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/01031813686191620200410>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/Jbzm34pcQh78Wq4TpLdrQfP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 mar. 2024.

¹⁷ Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

¹⁸ Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/51870>. Acesso em: 3 mar. 2024.

COHEN, S. **States of denial**: knowing about atrocities and suffering. Cambridge, UK: Polity Press, 2001.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRIAS FILHO, O. O que é falso sobre fake news. **Revista USP**, n.116, p. 39-44, 2018. DOI: [10.11606/issn.2316-9036.v0i116p39-44](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i116p39-44). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146576>. Acesso em: 15 fev. 2024.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na Era da Globalização. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 129-148.

MACHADO CAVALCANTE, S. A condução neofascista da pandemia de Covid-19 no Brasil: da purificação da vida à normalização da morte. **Calidoscópico**, v.19, n.1, p. 4-17, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.01>. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/22745>. Acesso em: 26 fev. 2024.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.17, n. 3, p. 621-626, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/>. Acesso em: 05 mar. 2024.

MOITA LOPES, L. P. da. **Identidades fragmentadas**: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MOURA, H. Onde está o vírus? Manipulação política da linguagem sobre o coronavírus. **Calidoscópico**, v. 19, n. 1, p. 120-130, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.09>. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/21857>. Acesso em: 07 fev. 2024.

PEREIRA ANDREATA, E. Fake news em tempos de pandemia: a urgência de novos multiletramentos na cultura digital. **Calidoscópico**, v. 19, n. 1, p. 88-103, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.07>. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/22017>. Acesso em: 07 fev. 2024.

RECUERO, R. # FraudenasUrnas: estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições 2018. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 20, n. 3, p. 383-406, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6398202014635>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/vKngHPRMJxbypBVRLYN3YTB/>. Acesso em: 07 fev. 2024.

SILVA, D. N. The Pragmatics of Chaos: Parsing Bolsonaro's Undemocratic Language. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 59, n. 1, p. 507-537, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/01031813685291420200409>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/4tMffQCNqjdHKgYfwptTnLf/?lang=en>. Acesso em: 08 fev. 2024.

SILVA, D. da C. P. Performances de gênero e raça no ativismo digital de Geledés: interseccionalidade, posicionamentos interacionais e reflexividade. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 20, n. 3, p. 407-442, 2020a. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984->

6398202014801. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbla/a/HzBrWxCrhDRHH6dHk5dyFyQ/>. Acesso em: 09 fev. 2024.

SILVA, D. da C. P. Embates semiótico-discursivos em redes digitais bolsonaristas: populismo, negacionismo e ditadura. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 59, n. 2, p. 1171–1195, 2020b. DOI: <https://doi.org/10.1590/010318137409916202006241>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/8T8McWGgvC6xh5tnwKrr8Nz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 fev. 2024.

SOARES, M. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V. M. (org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003. p. 89-113.

TFOUNI, L. V., MONTE-SERRAT, D. M., BUENO MARTHA, D. J. A abordagem histórica do letramento: ecos da memória na atualidade. **Scripta**, v.17, n. 32, p. 23-48, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2013v17n32p23>. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2013v17n32p23>. Acesso em: 10 mar. 2024.

VISCARDI, J. M. *Fake news*, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 59, n. 2, p. 1134–1157, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/01031813715891620200520>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/HWYM3LcW7yVtMY9ZbK8CWzs/>. Acesso em: 08 fev. 2024.

VOLÓSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterian Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

Artigo recebido em: 22/04/2024
Artigo aprovado em: 26/05/2024
Artigo publicado em: 13/06/2024

COMO CITAR

ASSUNÇÃO, E. T. C.; CAVALCANTE FILHO, U. O discurso contemporâneo de negação da ciência sob a ótica da Linguística Aplicada em periódicos científicos brasileiros. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 13, p. 1-18, e02409, 2024.